

"O dicionário de Morais Silva e o início da lexicografia moderna", in *História da língua e história da gramática - actas do encontro*, Braga, Universidade do Minho / ILCH, 2003, p.473-490.

O DICIONÁRIO DE MORAIS SILVA E O INÍCIO DA LEXICOGRAFIA MODERNA

Telmo Verdelho

1. Uma obra de referência

O *Diccionario da Lingua Portuguesa* de António de Morais Silva, constitui a mais importante referência na história da lexicografia portuguesa. Como dicionário geral da língua, podemos dizer que desencadeou o início da dicionarística monolíngue moderna portuguesa. Estabeleceu as origens e deu fundamento a toda a genealogia lexicográfica desenvolvida ao longo dos últimos 200 anos.

Para além do âmbito lexicográfico, a publicação do dicionário de Morais Silva em 1789, é um acontecimento que documenta e impulsiona um conjunto de mudanças históricas para a língua e para a cultura portuguesas. A viragem do séc. XVIII para o séc. XIX assinala uma aceleração da diacronia linguística extremamente transformadora que se repercute na sintaxe, no léxico e na fixação do modelo ortoépico português e brasileiro. A história da língua defrontou-se com decisivas condicionantes externas, entre as quais destacaremos a quatro seguintes:

primeiro, desenvolve-se a escolarização da língua e democratiza-se a escrita e a leitura da língua portuguesa (não temos indicadores dos níveis de “literacia”, mas sabemos que se generaliza a escolarização da gramática do vernáculo);

segundo, modificam-se os paradigmas e os cânones literários (a escrita ornamentada e hipotáctica da oratória da tradição latina e clássica é substituída pela parataxe, pela ordem directa e pela coloquialidade romântica);

terceiro, alarga-se o espaço de circulação da palavra e intensifica-se o discurso público (prolifera o jornalismo, exhibe-se o parlamentarismo e aumenta a frequência do teatro; ¹

¹ Cf. Fernando Carmino Marques, “Le Théâtre au Portugal 1800-1822 – Catalogue des pièces éditées, manuscrites et représentées”, in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, Paris-

quarto, intensifica-se no Brasil o processo de transumância e de autonomia da língua, acrescentando ao português o estatuto de língua internacional e garantindo-lhe um futuro dinâmico, criativo e plural.

Todos estes factos são assiduamente assistidos, e em parte interferidos, por esse manual metalinguístico moderno, que é o dicionário da língua, que oferece à memória dos falantes um provimento dilatado e renovado da massa lexical — os dicionários são, no âmbito das línguas e da intensificação do discurso público, um dos mais importantes factores da civilização moderna.

Neste quadro, o *Dicionário* de Morais Silva ocupa um lugar determinante. Desde logo como factor de relativa harmonia linguística e de sinergia entre Portugal e o Brasil. Um dicionário contribui naturalmente para a homogeneidade e normalização da língua, e nesta conjuntura luso brasileira, dificilmente se poderia esperar um contributo mais adequado e eficaz para essa harmonia linguística, do que o de um dicionário publicado em Portugal por um natural do Rio de Janeiro.

A obra de António de Morais Silva preencheu o horizonte metalinguístico, ao longo dos séculos XIX e XX, como um verdadeiro símbolo não só da lexicografia, mas da língua em geral, e da cultura portuguesas. Um indicador da presença ubíqua deste dicionário no horizonte literário e cultural português, deduz-se do facto de ter sido, desde cedo, designado simplesmente por “o Morais”, num processo de antonomásia, em que o nome do autor foi muitas vezes tomado como um bibliónimo lexicográfico, como bem se documenta, por exemplo, em textos de Camilo, que era um amante e frequentador assíduo de dicionários, e que aconselhava os interlocutores a abrir o “Dicionário de Morais” ou a manusear o “bom Morais”²

Lisboa, 1999, Vol.XXXVIII p.373-467. Aqui se dá notícia de 318 peças teatrais manuscritas, 129 editadas e 212 ou 211 representadas, durante este período de 22 anos.

² Respondendo a uma crítica, numa nota final, em *Narcóticos*, escreve Camilo:

“2.^a acusação: Confundo *cartas* com *mapas* que é galicismo torpe.

Galicismo! e demais a mais *torpe*. Deixe-se disso, e abra o seu Dicionário de Morais. Veja: *carta geográfica*, em que está afigurada a terra arrumada (de rumo): *Carta náutica*, *carta de marear*. Abra o seu padre A. Vieira, tomo 2.^o, pág. 138, 3.^o 92, 8.^o 157. Aí verá que farte *cartas geográficas*. Nesta acusação, portanto, se alguma cousa há torpe, não é o galicismo.

Camilo, *Obras Completas (Narcóticos)*, Porto, Lello, 1993, vol.XV, p.924, Ver tb., p.786, 798, 883.

No *Cancioneiro Alegre*, Falando do Poeta Donas Boto:

“Conheci-o em Coimbra em 1846 quando a minha batina esfrangalhada abria as suas trinta bocas para admirar e engolir o latim dum padre que não sei se era Simões. Devia ser. Coimbra é a terra dos Simões. É como em Braga os Gaspaes antigos. Mal diria eu que homem era aquele por

2. Uma obra original

Deixamos, por agora a importância e o significado do dicionário de “Morais”, no âmbito mais geral da história da cultura portuguesa e como instrumento directo da modernização da língua, para o considerarmos, de momento, sobretudo como objecto central da dicionarística portuguesa.

Com o título, definitivamente moderno de *Diccionario da Lingua Portuguesa*, foi publicado em 1789, no ano mítico da revolução francesa e do início do processo de independência do Brasil.³ Na página de rosto apresenta não só o título, mas um exergo explicativo com a sequência seguinte:

— *Diccionario da Lingua Portuguesa* composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por António de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro.

Uma observação desprevenida desta página de rosto tem levado alguns leitores a levantar dúvidas sobre a atribuição da autoria da obra. Na história da dicionarística são frequentes

dentro, quando o vi por fora, com os seus óculos de ouro, no livreiro Posselius! Eu comprara o DICIONÁRIO de Moraes, e ele, com uma gravidade protectora e paternal, disse-me: «Fez bem, seu caloiro. Manuseie o bom Moraes com mão diurna e nocturna. Gaste assim as suas economias, não as malbarate em fofas novelas gafadas de galicismos...»

Camilo, *Obras Completas (Cancioneiro Alegre)*, Porto, Lello, 1998, vol.X, p.1185-6

O reconhecimento do autor pelo simples nome de Moraes poderá remontar aos seus tempos de estudante. Lembramos o testemunho de Filinto Elísio, que o saúda, quando se encontravam exilados em Paris — já se teriam conhecido em Lisboa — nos versos de uma Ode gratulatória: “Como foge, Moraes, o veloz tempo, / Único bem, que não sustém resgate: / Das asas só lhe trava quem se arroja / Da honra ’o asp’ro cume / Só dele tira lucro / Quem, como tu, em sério estudo o emprega.” A relação com Francisco Manuel do Nascimento ganha especial sentido se considerarmos o pensamento normativo e vernaculista que se depreende dos prefácios de Moraes. O “Prólogo ao Leitor da 1ª ed. é um texto em que parece repercutir-se a obsessiva doutrinação de Filinto Elísio.

³ Justamente em maio de 1789 foi preso, no Rio de Janeiro, José Joaquim da Silva Xavier o “Tiradentes” - nome destacado da Inconfidência Mineira - juntamente com outros, mais conhecidos pelo seu nome literário, como Cláudio Manuel da Costa e Tomás António Gonzaga.

as situações de parceria, de indefinição e de reivindicações abusivas de autoria. Não é bem este o caso do *Dicionário da Língua Portuguesa*. António de Morais Silva, por motivos que nos são em parte desconhecidos,⁴ secundarizou generosamente o seu nome sob a tutela de Rafael Bluteau, o operoso teatino que viveu entre 1638-1734 e que publicou o monumental *Vocabulário Portuguez e Latino* (1712-1728) em dez volumes. Obra digna de muitos louvores e também ela instituidora primacial, no percurso da lexicografia portuguesa, mas trata-se de um monumento lexicográfico muito mais barroco do que moderno, tanto no conteúdo como na forma, e em muitos e essenciais aspectos, obra diferente do *Diccionario da Lingua Portugueza* publicado 55 anos depois do falecimento de Bluteau.

Morais Silva trabalhou obviamente sobre o *Vocabulário* de Bluteau e aproveitou de maneira sistemática grande parte da nomenclatura e muitas definições da obra do teatino. Fez, até certo ponto, o que todos os dicionaristas não podem deixar de fazer ao retomar e renovar a nomenclatura dos seus predecessores, uma espécie inevitável de “plágio por ordem alfabética”.⁵ Fez uma tarefa que tinha sido já recomendada por Luís António Verney em 1747, no *Verdadeiro Método de Estudar* ao sugerir que “seria necessário que algum homem douto abreviasse o *dicionário* do P. Bluteau e o reduzisse à grandeza de um tomo em folha, ou dois em 4”.⁶

Tomando, é certo, Bluteau como base, Morais Silva fez todavia obra muito nova e própria sua, e tinha suficiente justificação para afirmar a autoria. Foi muito além do projecto de

⁴ Várias razões poderão ter induzido António de Morais Silva a optar pelo nome de Bluteau para a representação da autoria, entre elas deverá citar-se a ponderação da conjuntura política portuguesa, e provavelmente a intenção de não agravar a inospitalidade do Santo Ofício já anteriormente experimentada por parte de Morais Silva. O prestígio de Bluteau serviria de recomendação favorável.

⁵ “Mot d’esprit” atribuído a C. Nodier “Les dictionnaires sont des plagiats par ordre alphabétique”, citado por Kurt Baldinger in *Introduction aux dictionnaires les plus importants pour l’histoire du français*, Strasbourg, Klincksieck, 1974, p.21.

⁶ Verney louva muito enfaticamente o *Vocabulário* de Bluteau, mas não deixa de lhe dedicar uma apreciação crítica, em que destaca os defeitos que queria ver ausentes no dicionário que devia servir para o ensino da língua portuguesa. Além de propor a redução, o redimensionamento e a simplificação dos dez volumes de Bluteau, acrescenta um conjunto de sugestões e preceitos que tiveram em grande parte acolhimento no trabalho de Morais Silva, nomeadamente: o deitar “fora tantos latins e citações supérfluas”, o “distinguir as palavras boas, de algumas plebeias e antigas, propondo que se fizesse à parte um dicionário “das vozes antigas e baixas”; e também se deveria “emendar a ortografia de Bluteau, que é variante, e estabelecer uma certa, e sempre a melhor” . Luís António Verney, *Verdadeiro Método de Estudar*, ed. António Salgado Júnior, Lisboa, Sá da Costa, 1949, vol. I. p.128-134.

Verney. Recriou a partir dos 10 imponentes volumes barrocos, uma obra com originalidade, coerência e sentido prático, em que, após uma elaborada “reciclagem” terá sido aproveitada cerca de 30% da informação do texto do *Vocabulário Portuguez e Latino*.

Entre outras assinaláveis diferenças, poderemos observar as seguintes, já por nós compendiadas em um trabalho anterior:⁷

— Morais acrescenta aproximadamente 22.000 entradas inteiramente novas, ou seja, cerca de um terço da nomenclatura total, que anda à volta de 70.000 palavras.

— Elimina totalmente cerca de 16.000 entradas de Bluteau. Este número deve corresponder ao “corpus” enciclopédico, onomástico e histórico do grande Vocabulário.⁸

— No conjunto, cerca de 50%, ou mesmo um pouco mais, do texto que se encontra no *Dicionário* de Morais de 1789 pode dizer-se que é recuperado do *Vocabulário* de Bluteau. Mas este texto sofreu uma laboriosa revisão. Assim, apenas 5%, ou talvez menos, dos artigos do *Dicionário* são integralmente retomados de Bluteau. O restante “corpus” é retextualizado, reduzido, aumentado ou parcialmente reescrito.

— Morais alivia o seu *Dicionário* de qualquer informação bilingue e de toda a erudição translinguística, de âmbito histórico ou enciclopédico.

— O *Dicionário* oferece ainda uma procurada simplificação e regularização ortográfica e uma observação crítica e actualizada do léxico contemporâneo.

Além destes aspectos, a obra dos dois grandes dicionaristas distingue-se sobretudo pela modernização da técnica lexicográfica. Morais introduz toda uma instrumentação metalexiconográfica, com a terminologia gramatical e o recurso a uma eficaz codificação de abreviaturas, como se pode ver pelo exemplo seguinte:

R. Bluteau:

"ACANHAR. Não deixar medrar. Ser causa que huma cousa não creça. A sombra acanha as plantas. *Umbra non patitur plantas succrescere. Ex Columel.* Fazendolhe sombra a *Acanha*, & faz que não creça, Costa, Georgic. de Virg. 68. vers. Falla em certa

A. Morais Silva:

"ACANHAR, v .at. não deixar crescer; não dar a proporcionada grandeza e altura. § f. Abater, v.g. — *a autoridade, os espiritos: a pobreza acanha. Eufr.1.3. f.32, e 2. 5.* § Diminuir v.g. — *o esforço Palm. 3.f. 128.v.* § Deprimir desgabando, *Castanh. 1.3. prol.* § *Acanhar*

⁷ “Aspectos da diacronia lexical do português. A inovação entre o *Dicionário* de Morais Silva e o *Vocabulário do Português Fundamental*”. *Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Románicas, II Lexicoloxía e Metalexicoloxía*, A Coruña, 1992, p.134-5.

⁸ Está em curso um projecto de investigação que inclui uma dissertação sobre a obra de Bluteau, a apresentar pelo doutorando João Paulo Silvestre, que vai permitir avaliar de modo mais preciso a dimensão e as características da herança do grande vocabulista na lexicografia portuguesa.

arvore.

Acanhar, em sentido moral. Abater. Acanhar a autoridade. *Auctoritatem minuere, ou deprimere*. Dandolhe os convidados tão estreito lugar, que *Acanhava* sua autoridade. Lobo, Corte na Aldea, Dial.4.pag.85.

Acanhar. Desanimar. Intimidar. *Alicujus animum frangere, & demittere. Cic.7. Tam il.9. Alicujus animos minuere, infirmare, infringere, Tit.Liv. Alicujus animum, vel virtutem debilitare. Cic.* Para Acanhar & rebotar os espiritos aos Portuguezes. Lemos, cercos de Malaca, 48.

Acanhar. Desprezar. Abater com palavras. *Aliquid extenuare verbis. Dicendo levare, elevare, minuere, imminuere.*

Aacanharse. Abaterse. Intimidarse. *Animum contrahere, ou demittere. Se abjicere, dejicere. Animi magnitudinem inflectere.* (I.p.61-62).

alguem, apouca-lo, trata-lo de menor Eufr. 5.1. § —se encolher-se, ceder, humilhar-se, perder o animo Eufr. 5.4. acanhar-se á fortuna, ou desgraça..." (I.p.12-13)

A redacção dos dois artigos ilustra bem a diferença entre a lexicografia das origens e a dicionarística portuguesa moderna iniciada por A. Morais Silva. À sistematização, sobriedade e pertinência dos dados coligidos, acrescenta-se uma técnica metalexical que vai progressivamente integrando a informação gramatical, a análise do espectro semântico, o esclarecimento dos usos, sem deixar de explorar a textualização autorizada. Em ulteriores edições alarga-se a indicação sobre linguagens especiais e tecnolectos, amplia-se a lista de autores citados, e acrescenta-se, de modo sistemático, uma tentativa de explicação etimológica.

Observando mais detidamente as diferenças entre estes dois artigos, pode ainda notar-se uma provável sensibilidade à evolução diacrónica, por parte de Morais. A substituição de "medrar" por "crescer", corresponde certamente ao reconhecimento aprofundado e actualizado do âmbito semântico das duas palavras. A forma 'medrar', mais ligada ao crescimento das plantas e dos animais, parece sofrer uma conotação arcaizante. A percepção do envelhecimento e da inovação do léxico, e o reconhecimento dos valores dialectais e diastráticos poderão ser aspectos dos mais interessantes do *Dicionário*.

A nomeação de Morais Silva como referência de plena autoria, no *Dicionário da Língua Portuguesa*, desde o seu primeiro aparecimento em 1789, não deve sofrer contestação.

As edições subsequentes foram autoralmente assumidas, já sem qualquer referência a Bluteau, embora o autor continue a atribuir-se modestamente o papel de "recopilador". Assim, na

2ª e na 3ª edições (1813 e 1823), o enunciado da página de rosto optado na primeira edição — *Diccionario da Lingua Portugueza* **composto** pelo Padre D. Rafael Bluteau —, é substituído por — *Diccionario da Lingua Portugueza* **recopilado** por António de Morais Silva.

Só na 4ª. ed. (1831), certamente por iniciativa do editor Theotonio José de Oliveira Velho, se afirma a plena autoria — *Diccionario da Lingua Portugueza* **composto** por António de Morais Silva —, quando eram passados já sete anos sobre o seu falecimento.

É claro que, entre a primeira edição e a segunda, Morais Silva deve ter ressentido uma considerável mudança no seu estatuto e na sua imagem autoral. Era agora um dicionarista com inesperado sucesso editorial, respeitado e gratificado pelos editores. O Livreiro Borel Borel e Cª, que tinha comprado a propriedade do *Dicionário* por 2.000 cruzados, perante os lucros auferidos logo nas primeiras respostas do mercado e na sequência de uma procura prolongada e inesperadamente auspiciosa, ofereceu ao autor, espontaneamente, uma gratificação suplementar de 600.000 réis”, cerca de 1250 cruzados.⁹

No final do séc. XVIII, sobretudo a partir da edição do *Dicionário* de Morais Silva, verifica-se um súbito e progrediente florescimento da lexicografia portuguesa, com relevo para a lexicografia monolíngue. O dicionário começa a emparceirar com o uso e o ensino da língua de maneira imprescindível. Entre 1789 e 1813 foram publicados pelo menos mais três dics. monolíngues do português (s. o *Dic.* da Academia 1793, o *Elucidário* de Viterbo 1798-99, e o *Novo Dicionario da Lingua Portuguesa* 1806), foi reeditado o *Dic. poético* de Cândido Lusitano 1794; foram também editados ou reeditados dicionários especiais, de moedas, da agricultura, de teologia, de botânica, etc.; e foram ainda publicados vários dicionários bilingues ou plurilingues (incluindo o que julgamos ter sido o primeiro dic. de port. – alemão e alemão-port. de João Daniel Wagner (1811-12), e sobretudo o dicionário *Português – Francês e Latino* de Joaquim José da Costa e Sá (1794) que vem referido como fonte na “Advertência do Editor” na 3ª. ed..

⁹ Cf. “Notas Biográficas” in António de Morais Silva, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10ª edição, Lisboa, Confluência, 1949, p.22. Num anúncio da *Gazeta de Lisboa* (25 e Julho de 1789, n.º 29 – 2.º suplemento) lê-se uma interessante informação sobre o preço de venda ao público:

“Sahirão à luz: Novo Diccionario da Lingua *Portugueza*, composto pelo Padre *D. Rafael Bluteau*, e accrescentado por *Antonio de Moraes Silva*, em 2 vol. 4.º grande. Vende-se na loja de *Borel, Borel e Companhia*, na esquina que fica quasi defronte dos *Martyres*, por 4\$800 reis encadernado.

Agradecemos esta informação A Rolf Kemmler, bibliófilo, estudioso indefesso da historiografia linguística portuguesa e generoso amigo.

Na 2ª e 3ª edições acrescenta-se, logo na página de rosto, a referência ao conjunto de novas fontes: — *Diccionario da Lingua Portugueza* recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito accrescentado por António de Morais Silva—.

Também num breve texto introdutório da 2ª. ed., escrito ainda por Morais Silva, e dirigido “Ao Leitor Benévolo”, acrescenta-se um importante esclarecimento, com alusão às já referidas novas publicações lexicográficas (especialmente o *Dicionário da Academia* e o *Elucidário* de Viterbo) que permitiam ampliar e renovar o entendimento do vocabulário dicionarizado:

“SEGUNDA vez te offereço o Diccionario da Lingua Portugueza e porque não vá sem alguma conheçença do indulgente acolhimento, que da primeira lhe fizeste, trabalhei quanto me foi possível por alimpá-lo dos erros, com que saiu naquella Edição e por ampliá-lo em Artigos, e novos entendimentos dos vocabulos, e frases.

Para isto me aproveitei do riquissimo Diccionario Portuguez da Real Academia das Sciencias de Lisboa, do Elucidario de palavras e frases antigas do Sr. Fr. Joaquim de S. Rosa de Viterbo, em cuja verdade, e exactidão se affirmão os vocabulos tirados de Documentos ineditos, aos quaes ajuntei as explicações do Autor, e tambem as minhas, porque como elle ingenuamente reconhece, a cada um é licito abundar modestamente em seu sentido.

Accrescentei tambem com minha diligencia, e trabalho muitos Artigos, e melhores explicações de outros, extraídos dos Ineditos da Historia Portugueza, Poetas, e Historiadores, e das Ordenações do Sr. D. Afonso V. não impressos, quando a Real Academia deu á luz o seu primeiro Tomo do Diccionario Portuguez. E ainda que d'estes já se achão no Elucidario muitos Artigos, eu ajuntei muitos mais, como verá quem quizer ter o trabalho de comparar. ”

3. Obra de síntese e de superação

O *Diccionario da Lingua Portugueza* é o primeiro dicionário moderno monolíngue publicado em Portugal. Não surge, todavia, de modo isolado. Como acabámos de observar trata-se de um empreendimento em que explicitamente se declara o *Vocabulário* de Bluteau como texto de fundamento e de referência predominante. Mas não é só o Bluteau, que nele se encontra repercutido, como se de herança única se tratasse. No percurso da elaboração lexicográfica do Morais poderemos distinguir alguns vectores de influência que, de modo preponderante, determinaram a sua configuração e a qualidade do seu repositório lexicográfico. Entre eles, devem salientar-se: a tradição lexicográfica portuguesa; a influência da lexicografia estrangeira; e ainda a

importante memória textual da língua portuguesa, literária e não literária, acumulada até ao final do séc. XVIII.

O Dicionário de Moraes é o lugar de encontro de uma tradição lexicográfica que, embora modesta, quando comparada com a lexicografia de outras línguas europeias, não deixa de representar um esforço de elaboração e um suporte que remediou e socorreu as solicitações metalinguísticas portuguesas.

Entre as fontes da tradição lexicográfica, para além de Bluteau (1712-1728) que foi tomado efectivamente como texto base, deve lembrar-se toda a proto-lexicografia constituída por um alongado e original filão bilingue latino-português, onde avultam os dicionários de Jerónimo Cardoso - 1562, 1569, Agostinho Barbosa - 1611, Amaro Roboredo - 1621, Bento Pereira - 1634, 1647 e ainda Pedro José da Fonseca - 1771, entre outros.

Além destes, merece também referência a lexicografia bilingue português-línguas modernas (sobretudo com destaque, entre um conjunto muito variado de publicações, para os dics. de português-francês de José Marques - 1764, de português-inglês de António Vieira Transtagano - 1773, e de italiano-português de Joaquim José da Costa e Sá - 1773.).

Finalmente, não obstante a sua modéstia, não poderá deixar de citar-se toda a lexicografia monolingue portuguesa anterior, nomeadamente, o *Dicionário poético* - 1765 de Cândido Lusitano (1719-1773); *Dicionário Exegético* - 1781, elaborado provavelmente pelo erudito tipógrafo Francisco Luís Ameno (1713-1793), o excêntrico *Dicionário da Língua Portuguesa* - 1783 publicado por Bernardo de Lima e Melo Bacelar (c.1736 - p.1786) e que ostenta, entre os poucos méritos que se lhe assinalam, o facto de ter, pela primeira vez, registado nos prelos portugueses, o título de "Dicionário da Língua Portuguesa"¹⁰ e ainda um dicionário de rimas (1784) de Miguel Couto Guerreiro (1720?-1793).¹¹

¹⁰ O Prof. Amadeu Torres, no Prefácio que antecede a reprodução facsimilada da *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa* de Bernardo Bacelar (Lisboa, Academia Portuguesa Da História, 1996) diz que este autor "em 1786 trabalhava na Biblioteca Real de Paris, na tradução de um manuscrito da *Crónica de Idácio*" (p.XII), não sabemos se a sua estadia em Paris terá ainda coincido com a do nosso Moraes, e se entre eles terá sido objecto de discurso a experiência e o projecto dicionarísticos de um e de outro.

¹¹ O dicionário de rimas, então designado "dicionário de consoantes", vem integrado num *Tratado da versificação portugueza: dividido em tres partes: A primeira contém hum brevisimo Compendio das regras mais praticaveis da Metrificação; a segunda hum amplissimo Diccionario de Consoantes; e a terceira Instrucções para a perfeita Poetica*. Por Miguel do Couto Guerreiro, Lisboa, na Of. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1784.

No âmbito da lexicografia monolíngue, deverão incluir-se entre as fontes do Morais, os vocabulários dos ortógrafos do séc. XVIII e anteriores, com especial lembrança para as obras de Duarte Nunes de Leão – 1606, Madureira Feijó – 1734, e Fr. Luís do Monte Carmelo – 1767.¹²

Na página de rosto da 2ªed., como já notámos, o autor afirma ter “recopilado” (citamos as suas próprias palavras): os “vocabulários impressos até agora.” Todavia, do amplo quadro da lexicografia portuguesa anterior que acabamos de citar, poucas referências se encontram registadas na lista de “Abreviaturas das citações dos livros portugueses com que se autoriza o uso das palavras” e que faz parte do conjunto de textos introdutórios do dicionário. No Dicionário de António de Morais Silva, as fontes lexicográficas não substituem a pesquisa da memória textual que ilumina e enobrece a língua portuguesa. A lista bibliográfica, que o autor leu para autorizar os artigos acrescentados, constitui uma fonte privilegiada que define e institui um cânone dos “bons autores” ... “Portugueses castiços e de bom século”, e que oferecem ao *dicionário*, um universo linguístico de referência que codifica e salvaguarda a memória da língua.

Cerca de 270 abreviaturas de títulos ou de nomes de autores preenchem a lista bibliográfica das fontes de referência para as citações que integram a ed. “princeps. Na ed. de 1813, este número sobe para pouco mais de 300 abreviaturas.¹³ A diferença da “Lista dos Livros Portuguezes com que se Authorisa o Uso das Palavras”, entre as duas primeiras edições, é bem pequena. A actualização acrescenta à segunda, cerca de 10% de novos títulos correspondentes a alguns livros técnicos, ou a um ou outro texto omitido ou novamente editado. É notável que o autor tenha feito tão pequenas alterações, sobretudo se considerarmos que em 1793 se publicou o primeiro volume (sem sequência) do Dicionário da Academia, que era precedido por um ambicioso e comentado catálogo de cerca de 300 autores, e depois deste, mas ainda no séc. XVIII, foi publicado, também por ordem da Academia, um novo “Catalogo dos livros que se hão de ler

¹² Ao longo de todo o séc. XVIII, houve certamente várias tentativas de elaboração dicionarística, ainda que nos chegaram escassos testemunhos dessa actividade. É significativa a este propósito, a notícia de um texto lexicográfico perdido provavelmente no terramoto e sequente incêndio de 1755, quando se encontrava já em parte impresso. Segundo informação de Inocêncio, com base numa carta de 1755, José Caetano (nascido em 1690), gramático e pedagogo, preparara um complemento do *Vocabulário Português* de Bluteau que chegou a ter várias folhas impressas (I. Silva, *Dicionário Bibliográfico*, t.IV, p.282).

¹³ Clotilde Murakawa, numa dissertação de mestrado, com o título *O Primeiro Dicionário da Língua Portuguesa de António de Morais Silva, Estudo crítico da edição de 1813*, (Araraquara, 1984), ordenou uma lista em que se contam os autores citados com 203 nomes (p. 26 e s.). Alguns autores têm dois ou mais títulos, perfazendo assim as cerca de 300 abreviaturas.

para a continuação do Dicionário da Língua Portuguesa” (Lisboa, Tip. Da Academia, 1799).¹⁴ Não obstante a pequena diferença entre as duas primeiras edições, no respeitante às listas da bibliografia de autoridades, o número de citações e a quantidade de texto citado é proporcionalmente muito mais amplo na 2ª edição. Morais indicou na lista de títulos em 1789 muitos textos que já teria lido e que não citou ou citou sumariamente. Em 1813 cita mais textos e alarga a transcrição de textos já anteriormente citados. Este “corpus” de referência autoral do *Dicionário* de Morais Silva, ampliado e actualizado nas sucessivas edições, é um eloquente testemunho do esforço de vinculação da memória lexical da língua portuguesa ao seu património escritural.

Na sistematização do cânone de autores procura conciliar-se o anunciado critério da vernaculidade e da pureza das fontes, com a virtude da abundância ou riqueza lexical. Nesta ordem de ideias dá-se acolhimento a um grande número de obras científicas e técnicas e até a textos traduzidos de várias línguas, mas a exploração dos bons autores e o culto da memória literária é amplamente predominante.

O estudo dos textos literários como repositório lexical (sobretudo os textos em prosa, mas também alguns versificados) foi intensificado na segunda metade do século XVIII, com especial incidência no final do século, por força da acção estimulante da Academia Real das Ciências (erigida em 1779). Uma pléiade de eruditos (merecem menção, entre outros: Francisco José Freire, António Pereira de Figueiredo, António Dias Gomes e António das Neves Pereira) promoveu a releitura dos grandes autores do passado, com destaque para as obras de João de Barros e do P. António Vieira. .

Morais Silva não pode aproveitar, para a primeira edição, estas abundantes e estudadas recolhas lexicais, porque foram publicadas um pouco mais tarde,¹⁵ mas o seu trabalho participou dessa espécie de ideologia linguística que argumentava a defesa e ilustração da língua pelo bom uso, pelo “uso prudente das palavras de que se serviram os nossos bons escritores”. O *Dicionário*

¹⁴ Este *Catálogo*, atribuído a Agostinho José da Costa de Macedo (1745-1822), um dos três autores efectivos do *Dicionário da Academia*, foi objecto de observações um tanto ácidas por parte de Inocêncio Silva (t.II, p.54 e 469 e t. IX, p.55) que lhe censura, para além de vários erros e inexactidões, o facto de se limitar a “extrair servilmente da *Bibliotheca* de Barbosa os nomes dos escriptores e indicações das obras”.

¹⁵ Alguns desses estudos foram publicados nas *Memórias de Litteratura Portuguesa*, Lisboa, Academia, 1792 a 1814, 8 tomos. A obra de Francisco José Freire (1719-1773) *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*, foi publicada postumamente em 1842.

de Morais Silva foi um expoente e de certo modo um esteio dessa doutrina que influenciou o pensamento metalinguístico português e europeu até aos meados do século XX.

As fontes de influências ou de intertextualidades que se repercutem no *Dicionário* não se limitam à tradição dicionarística portuguesa, nem ao quadro dos autores do património escritural, também a lexicografia estrangeira deve considerar-se uma importante via de influência. Algumas circunstâncias que marcaram a vida do autor criaram condições propícias para essa interacção. Morais Silva trabalhou em Londres entre 1779 e 1783, passou por Itália e trabalhou também depois em Paris, em 1783-1784. Fez prolongados exercícios de tradução,¹⁶ e pode compulsar os dicionários do seu tempo, ingleses, franceses, italianos e certamente também espanhóis, deles recolhendo, não só informações propriamente linguísticas, mas também exemplificação para a técnica lexicográfica.

4. Arquétipo da lexicografia portuguesa moderna.

O Dicionário da língua Portuguesa de António de Morais Silva teve um imediato e ininterrupto prolongamento em toda a dicionarística subsequente. Foi logo aproveitado, quase em transcrição literal, no primeiro dicionário prático e escolar, que se publicou anónimo em 1806,¹⁷ e que foi depois reeditado pelo menos em 1817 e 1835. Este pequeno dicionário prático, feito a partir do Morais, foi provavelmente o primeiro instrumento da escolarização da lexicografia monolíngue portuguesa, através dele também a informação lexical elaborada por Morais Silva ganhou renovada interacção no uso quotidiano dos falantes. O uso do dicionário prático, portátil e fácil de manusear generalizou-se, logo a partir do início do século XIX. Foi a obra de Morais Silva que em sucessivas reedições tutelou ao longo do século este fluxo gradualmente mais abundante

¹⁶ Entre os seus trabalhos de tradução, são bem conhecidos e tiveram reedições os títulos seguintes: François Thomas Marie de Baculard d' ARNAUD, (1718-1805), *Recreações do homem sensível, ou collecção de exemplos verdadeiros e patheticos nos quaes se dá un curso de moral prática*, Lisboa: Offi. Simão Thaddeo Ferreira, 2^a, 1820 (terá sido primeiro editada em 5 tomos entre 1788 e 1792); e ainda a tradução de uma *História de Portugal: composta em inglez por huma sociedade de literatos, trasladada em vulgar com as addições da versão franceza*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1788, reeditada com anotações do tradutor em 1819 e 1828.

¹⁷ *Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, Lisboa, Typ. Rollandiana, 1806.

dos dicionários da língua portuguesa. Entre estes, o mais autónomo e o que mais discretamente acusou a influência da obra de Moraes foi o Dic. de Fonseca / Roquete que iniciou a sua publicação em 1848. Todos os outros, nomeadamente o dicionário de Constâncio – 1836 - acompanharam de forma quase literal o texto instituidor. Num quadro muito esquemático em que se regista o aparecimento e a distribuição dos mais importantes dicionários da língua portuguesa ao longo do século XIX, podemos facilmente observar a regularidade das suas reedições e a certeza de que havia um público que lhe dava as suas preferências e que lhe garantiu um lugar central e um papel predominante na história da lexicografia contemporânea.

Sequência diacrónica dos títulos principais:

- 1— 1789 Silva, António de Moraes, *Diccionario da Lingua Portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro*, Lisboa, na Of. de Simão Thaddeo Ferreira.**
- 1789** Sousa, Fr. João de, *Vestígios da língua arábica em Portugal*, Lisboa, Acad. Real das Ciências.
1793 ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, *Diccionario da Lingoa Portugueza*, Lisboa.
1794 Sá, Joaquim J. Costa e, *Diccionario Portuguez-Francês -e-Latino*, Lisboa, Of. de Tadeo Ferreira.
1798-1799 Viterbo, Frei Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras, termos e frases* 2 vol., Lisboa, na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira
1806 *Novo Diccionario da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Typ. Rollandiana.
- 2— 1813 Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado*, por Antonio de Moraes Silva, Lisboa, Typographia Lacerdina.**
- 1817** *Enciclopedia Portuguesa* por O.P.O.S.D.E.S (Nicolau Peres), Lisboa, Imprensa Régia
1818-1821 *Diccionario Geral da Lingoa Portugueza de algibeira: por tres litteratos nacionaes*. 3 vol., Lisboa, Impr. Régia.
- 3— 1823 Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza recopilado de todos os impressos até o presente*, Lisboa, Tip. M.P. deLacerda.**
- 1824** São Luís, Fr. Francisco de, *Ensaio sobre alguns synonymos*, Lisboa, Acad. das Sciencias.
1825 Viterbo, Fr Joaquim de Santa Rosa de, *Diccionario portatil das palavras*, Coimbra, Impr. da Universidade.
1829 Fonseca, José da, *Novo diccionario da lingua portugueza*, Paris: J. P. Aillaud
- 4— 1831 Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza composto por...*** Lisboa, na Impressão Regia.
- 1833** Fonseca, José da, *Novo diccionario da lingua portugueza seguido de um diccionario completo dos synonymos portuguezes*, Paris: J. P. Aillaud
1836 Constâncio, Francisco Solano, *Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza*, Paris, Angelo Francisco Carneiro Junior Tip. de Casimir. In 4º, LII-976p.
1840 Fonseca, José da, *Novo diccionario da lingua portugueza recopilado de todos os que até o presente se teem dado à luz seguido de um diccionario completo dos synónymos portuguezes*, Paris, J. P. Aillaud.

1842 Couto, António Maria do, *Diccionario da Maior Parte dos Termos Homonymos, Equivocos da Lingua Portuguesa*, Lisboa: Typographia de Antonio Joze da Rocha.

1844 *Diccionario Universal da Lingua Portuguesa: por uma Sociedade de Litteratos*, Lisboa: Typographia de A.J. da Rocha

5— 1844 Silva, António de Morais, Dicionário da lingua portugueza, Lisboa, tip. António José da Rocha.

1848 Fonseca / Roquete, *Diccionario da Lingua Portugueza de José da Fonseca, feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado por J. I. Roquete*, Pariz: Va. J. P. Aillaud, Guillard E.Ca.

1848 Fonseca / Roquete, *Diccionario dos Synonymos, Poetico e de Epithetos da Lingua Portugueza*, Paris, Aillaud.

1848 1849 Faria, Eduardo Augusto de, *Novo Diccionario da Lingua Portugueza ..., seguido de um Diccionario de Synonymos*, Lisboa: Tip. José Carlos de Aguiar Vianna.

1852 Fonseca / Roquete, *Diccionario da lingua portugueza, feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado*, Pariz, Em casa de J. L. Ailland.

1858 Dantas, Miguel Martins, *Novo Diccionario Portatil da Lingua Portugueza*, Paris, Aillaud/Guillard.

1858-1859 Lacerda, José Maria de Almeida e Araujo Correia de, *Diccionario da Lingua Portugueza de Eduardo de Faria*, 4ª edição,... refundida, correcta e augmentada..., seguido de um *Diccionario de Synonymos*, 2 vol., Francisco Artus da Silva.

6— 1858 Silva, António de Morais, Dicionário da lingua portugueza

1871-1874 Vieira, Frei Domingos Luís, *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*, 5 vol., Porto, Ernesto Chardron e Bartolomeu H. de Moraes.

1877 Carvalho, António José de e Ramos, João de Deus, *Dicionário prosódico*, Lisboa, Pacheco e Barbosa.

7— 1877-78 Silva, António de Morais, Diccionario da lingua portugueza, Lisboa, Tip. Joaquim Germano de Sousa Neves - Editor.

8— 1889 Silva, António de Morais, Diccionario da lingua portugueza, Lisboa, Editora - Empreza Litteraria Fluminense de A.A. da Silva Lobo. Sede - Rio de Janeiro, Sucursal - Lisboa.

??? — 1891 (cf. Notícia da 10ª. Ed. 1949)

9— ? Silva, António de Morais, Diccionario da lingua portugueza, Lisboa, Editora - Empreza Litteraria Fluminense de Santos, Vieira & Commandita.

(1922 — facsímil da 2ª., Rio de Janeiro)

10— Silva, António de Morais. Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 12 vol., 10ª ed. rev. corr. aum. actualizada ... por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado, Lisboa, Confluência, 1949-1959.

Os dicionários de Solano Constâncio (1836) e de Fonseca / Roquete (1848) tiveram dez ou mais reedições, até aos anos 70 ou 80, foram dicionários populares, muito divulgados e apreciados no uso trivializado e cada vez mais indispensável deste novo instrumento da língua, mas não puderam substituir a qualidade e a quantidade de informação fornecida pelo Morais. Por outro lado faltou-lhes uma certa dinâmica de actualização, não tendo beneficiado de revisões que lhes permitissem acompanhar o ritmo de modernização da língua e da prática lexicográfica,

tornaram-se insuficientes, perderam o interesse do público e deixaram de poder emparceirar com o dicionário de referência.

5. O percurso editorial

A dimensão do *Dicionário* de António de Moraes Siva não se limita às duas ou três edições iniciais. É uma corrente dicionarística que flui, transborda e se alarga, fecundando a lexicografia portuguesa até à actualidade, e é também o mais importante roteiro da diacronia lexical portuguesa. O Moraes é um precioso testemunho do percurso da língua, da sua modernização ou constante actualização lexical, e por esse facto mesmo, é igualmente um documento da evolução técnica e cultural e até da expressão do quotidiano português.

A sequência das várias edições, especialmente das seis primeiras, distribuídas quase pontualmente de década em década (2^a. 1813, 3^a. 1823, 4^a. 1831, 5^a. 1844, 6^a. 1858), preenche um dos capítulos mais interessantes da dicionarística portuguesa. A sequência editorial de década em década, tinha já sido percorrida pela *Prosodia* de Bento Pereira, condicionada pelas licenças régias por dez anos, sobretudo nas edições do século XVIII (1697, 1711, 1723, 1732, 1741, 1750), e sem dúvida podem observar-se algumas analogias entre estes dois monumentos instituidores. Todavia, as edições da *Prosodia*, a partir de 1697, foram meras repetições mecânicas, sem alterações nem inovações. De modo bem diferente, as edições do Moraes foram todas objecto de renovado tratamento editorial, com sobreposição de mais informações lexicográficas, como com veemência se declara nas várias páginas de rosto:

2^a- “novamente emendado, e muito acrescentado”

3^a- “mais correcta e acrescentada”

4^a- “Reformada, emendada, e muito acrescentada ... posta em ordem, correcta, e enriquecida”

5^a- “Modificado, reformado”

6^a- “Melhorada e muito acrescentada”

7^a- “Melhorada e muito acrescentada de termos novos usados no Brasil e no Portuguez da India”

8^a- "Nova edição revista e melhorada"

9ª- "Nona edição revista e ampliada"

Descendo a uma leitura mais recorrida das várias reedições, podemos confirmar que efectivamente houve sempre um esforço de actualização, mais ou menos sistemático e aprofundado, conforme as edições.

As duas primeiras edições são obra exclusiva de António de Morais Silva. A segunda apresenta uma efectiva e notória ampliação. Observa-se a adição de novas entradas, sobretudo com mais advérbios em -mente e outras formas criadas por derivação, e ainda com a duplicação de entradas com variantes ortográficas (“DESACCORDO, s.m. V. Desacordo”); nota-se o alargamento de muitos artigos com novas acepções e com mais e mais longas citações. Neste âmbito, parece notar-se uma certa distensão ideológica, encontram-se referências críticas em relação à Inquisição, anteriormente omitidas. Como acontece, mais ou menos com todos os dicionários, estamos perante um excelente documento para a história das mentalidades e das ideologias.

Em síntese, entre a primeira e a segunda edição, podemos dizer que houve mais acrescentos do que alterações. Adivinha-se uma espécie de culto da acumulação, que é uma tentação primária de todos os lexicógrafos. Alguns acrescentos, nem sempre criteriosos tiveram que ser emendados em edições ulteriores.

A partir da 3ª edição, o *Dicionario* de António de Morais Silva começou a ser uma obra de sucessivas coautorias, que preenchem uma galeria de lexicógrafos pouco conhecidos e entre os quais é possível recuperar os nomes de

3ª.—Pedro José de Figueiredo (1762-1826)

4ª—Theotonio José de Oliveira Velho” (1776?-1837?)

5ª—Dâmaso Joaquim Luís de Sousa Monteiro (1807-c.1842

——P. Antonio de Castro (1762-c.1849)

6ª—Agostinho de Mendonça Falcão de Sampaio Coutinho e Póvoas (1783-1854)

.....

10ª— Augusto Moreno (1870-1955).

——Francisco José Cardoso Júnior (1884-1969)

——José Pedro Machado (1914)

A 3ª. edição (1823) diz-se “mais correcta e accrescentada de cinco para seis mil artigos ... extrahidos dos Authores Classicos Portuguezes, com disvello e curiosidade” por Pedro José de Figueiredo. Na "Advertencia do Editor" desta 3ª. edição, além de repetir a informação já dada na 2ª de que tinham sido aproveitados o *Dicionário* da Academia e o *Elucidário* de Viterbo, entretanto publicados (1793 e 1798/99), acrescenta-se a menção do *Dicionário portruguez e francez* de Joaquim José da Costa e Sá, entretanto reeditado pelo mesmo editor Borel Borel, em 1809 e 1811). Pedro José de Figueiredo publicou também uma gramática portuguesa várias vezes reeditada e elaborou igualmente um dicionario cujo manuscrito se perdeu. Na sequência da revolução liberal de 1820, foi nomeado membro de uma comissão encarregada de ler e apreciar os livros e papéis que houvessem de imprimir-se.¹⁸

A 4ª edição (1831), segundo se declara na página de rosto, e na breve nota introdutória, além de ter sido “reformada, emendada e muito accrescentada” com base num manuscrito do próprio Morais Silva (que falecera já sete anos antes), foi ainda “posta em ordem, correcta e enriquecida de grande número de artigos novos e dos synonymos” por Theotonio José de Oliveira Velho. Este “continuador ou adicionador do *Dicionario*”, como o define Inocêncio Silva (*Dic. Bibl.*, t.VII, p.314) desempenhou o cargo de redactor do *Diario das Cortes Constituintes* em 1821, e deve ter aproveitado a sua experiência e especialmente o contacto com a nova linguagem política, para melhorar e actualizar o *Dicionário*.

Trata-se de uma reedição francamente melhorada e particularmente interessante porque dá testemunho de um momento intenso da história da língua portuguesa. As emendas e os acrescentos de Morais Silva poderão supor um especial aproveitamento da lexicografia francesa. Observem-se por exemplo os termos “calepino” e “democrate” antes não registados:

“Calepino” é um termo que ocorre em Vieira (*Sermão da Sexagésima*) com o significado do bibliónimo dicionarístico, mas é ignorada essa ocorrência, e vem agora pela primeira vez registado com a acepção francesa de caderninho de notas ou agenda pessoal:

“CALEPINO, s.m. Collecção de notas, de palavras, etc. feita por alguém para seu uso.” (1831, I. 320).

¹⁸ Inoc. Silva, VI, 415-419.

“Democrate” é um termo novo, inteiramente francês (que se vernaculizou depois na forma “democrata”), acrescentado, juntamente com “democratismo” à família da palavra “democracia” já anteriormente registada.

Na 5ª edição (1844) reivindica-se ainda o recurso a um manuscrito do próprio autor e a conservação do “sistema de Moraes”, ao que parece, com pouco aproveitamento. Do prefácio desta reedição depreende-se uma história confusa sobre os colaboradores que participaram na actualização do texto. Ficou finalmente como referência desta revisão o nome de Dâmaso Joaquim Luís de Sousa Monteiro (que estudou em França entre 1828 e 1833, e que terá falecido ainda antes da data da edição). Inocêncio Silva considera esta reedição muito descuidada e dedica ao revisor um comentário pouco favorável. (Inocêncio Francisco da Silva, I. 209,210): "O doutor Damaso Monteiro, a cujo cuidado esteve por ultimo encarregada [a revisão], não se contentou com menos que riscar e omittir muitos artigos de Moraes para substituil-os por outros, que elle textualmente copiava do Diccionario de Constancio. Emfim, houve-se com tal negligencia que no tomo I apparece uma tabella com 340 erratas, e no tomo II outra com 140; isto afóra muitos erros que escaparam á correcção final."

A 6ª edição (1858) é considerada uma das mais louváveis no percurso editorial do *Dicionário* de Moraes Silva. Vem atribuída a Agostinho de Mendonça Falcão de Sampaio Coutinho e Póvoas que foi deputado às Cortes de 1821, sócio da Academia das Ciências e estudioso da língua e filólogo, já mencionado no prefácio da 5ª. edição.

Notam-se nesta reedição alguns aspectos que apontam para um renovado trabalho lexicográfico e filológico. Tornou-se mais sistemática e mais cuidada a informação etimológica que, certamente por influência do dicionário de Constâncio, tinha sido anunciada pela primeira vez na edição anterior. A nomenclatura foi ampliada com muita abundância de terminologia escolarizada no âmbito das ciências e da técnica, e com vocabulário recolhido nos bons autores e também já nos autores do século XIX.

Registam-se pela primeira vez:

— termos científicos e técnicos de grande funcionalidade como “biologia”, “fonética (phonetica)” “fotografia (photografia)”, “monólogo” (frenologia (phrenologia)”, “romanceiro”, “romancismo”, “romanesco”;

— formas da memória literária até então ignoradas, como algumas originalidades do vocabulário de Garrett (“anfractuosidades”, “populacho”) e até um ápax dos mais famosos da lexicografia portuguesa, produzido a partir de uma deficiente leitura de um texto de Francisco Manuel de Melo, trata-se da palavra “muliado” que deu origem a uma nota crítica humoradíssima de Giacinto Manuppella (*Boletim de Filologia*, t.XII, 3,4, Lisboa, 1951, p.359 e s.)

A defesa da vernaculidade constitui um dos aspectos que ganha especial relevo nesta reedição. O revisor anota e censura um bom número de estrangeirismos, como se pode observar no registo das formas “bonomia” e “panfleto”:

+BONOMÍA, s.f. É Gallicismo intoleravel; deve dizer-se, *sinceridade, ingenuidade, singeleza, bondade, simplicidade de animo.*” (I,341).

+PAMPHLÈTO; É Gallicismo: temos em Port. *folheto, livrinho, papeleta.*” (II, 1858, 476)

Ou ainda no comentário a formas que tinham já entrado no *Dicionário* em edições anteriores: “DEBÓCHAR, v.a. DEBÓCHE, s.m. (do Fr. *débauche*, intemperança na gula, e na torpeza e sensualidade) Querem alguns introduzir estes termos sem necessidade: temos *devassidão* da mesma origem, e *pagode*, que correspondem ás ideias do termo Francez *débauche*. §. E em lugar de *debochar*, temos *devassar, corromper, allicia*; e em vez de *debochar-se*, poderemos dizer *devassar-se, perder-se, prostituir-se.*”(II, 599) [Registado na 2ª.ed., em 1813]

Com esta sexta edição conclui-se o ciclo dos grandes editores Borel Borel & Companhia que, desde 1789 foram proprietários da edição, e de certo modo conclui-se o ciclo iniciático do *Dicionário* de Moraes.¹⁹ A 7ª. edição (1877/78), "melhorada e muito accresentada", será publicada sob a chancela do editor Joaquim Germano de Sousa Neves que anuncia. no "Prefácio", os seguintes melhoramentos:

"Esta septima edição vae consideravelmente augmentada em locuções, phrases, accepções e termos que faltavam nas anteriores. Respeitou-se o texto de Moraes tanto quanto possível, corrigindo porém alguns erros que tinham escapado ao sabio auctor e aos dignos addicionadores das edições 3ª, 4ª, 5ª, e 6ª.

¹⁹ Com boa intuição e fundadas razões Dieter Messner fixou nesta sexta edição do *Moraes* o limite para uma periodização da lexicografia histórica portuguesa que vem roteirando, com labor beneditino, desde 1994, no *Dicionário dos dicionários portugueses*, publicado pelo Institut für Romanistik der Universität Salzburg.

Do grande numero de termos novos acrescentados, uma parte consideravel respeita ao Brasil, onde o Diccionario de Moraes é tão consultado;²⁰ outra parte menor, consiste em termos empregados na India, principalmente no interessante dialecto de Ceylão.”

O editor acrescenta ainda que “Os eruditos encarregados d'esses melhoramentos são tidos por muito competentes...” sem todavia os nomear.

Entretanto a lexicografia portuguesa experimentava uma certa dinamização com alguma pesquisa renovada no *Tesouro* de Domingos Vieira e na proposta do *Dicionário Contemporâneo* (1881), de Caldas Aulete. Aumentou consideravelmente a procura de dicionários escolares, monolíngues e bilíngues, certamente por força do desenvolvimento do Ensino Liceal, e ao mesmo tempo, a produção tipográfica de uma parte importante dos dicionários monolíngues aportuguesou-se um pouco mais, porque deixou de ser feita em tipografias francesas. O *Dicionário* de Moraes havia de continuar o seu percurso de actualizações, mas o seu lugar, neste segundo percurso editorial, perderia uma certa centralidade até à grande metamorfose da 10ª edição (1949-1959) que o tornaria de novo a obra referencial da lexicografia portuguesa.

O primeiro percurso editorial do *Dicionário*, corresponde a um percurso de grande mudança na história da língua e da vida pública portuguesa. Mudou-se todo o quadro sociológico da escrita e da leitura, e ao mesmo tempo o universo cultural e civilizacional.

O Moraes assinalou primeiro, o início do uso do dicionário e da sua escolarização, depois, assistiu à democratização da escrita e do consumo literário, finalmente, acompanhou a institucionalização do Ensino Secundário, e registou a interacção da língua com o desenvolvimento da ciência da técnica.

Deu testemunho de um ciclo de acumulação e de grande alargamento do espólio lexical da língua que foi tomando a forma de uma corrente que flui sempre de modo mais amplo e mais transitório.

²⁰ Em "Nova edição revista e melhorada" (que será a oitava), publicada em 1889, pela Editora - Empreza Litteraria Fluminense de A.A. da Silva Lobo, com sede no Rio de Janeiro, mas com sucursal em Lisboa (onde a edição terá sido impressa), diz o editor, na nota introdutória "Ao Público": "Fômos nós que ha onze annos, ao começarmos a nossa casa no Brazil, ahi levámos o Moraes, collocando cinco sextas partes do total da 7ª edição, que um nosso amigo fazia em Lisboa a esse tempo."

O *Dicionário* documentou também, a partir do final do século XVIII, um processo de insistente doutrinação ortológica, que foi impondo hábitos de normalização, quer de normalização ortoléxica, quer sobretudo de normalização gráfica ou ortográfica, culminando na ortografia estatizada e legislada nos textos oficiais dos acordos ortográficos.